



Jeanne ia dizendo que sua ambição não chegava a esse ponto mas não conseguiu. Com um ruído surdo e exalando um horrível cheiro ácido que ela não conseguiu definir o que poderia ser, Satã desapareceu.

Jeanne se viu outra vez sozinha, olhando pela janela, vendo o dia que começava a clarear.

Ouviu um ruído atrás de si e, voltando-se, encontrou Tomás que a olhava com um sorriso.

— Acho que foi definitivo — murmurou ele — Você é a mulher perfeita para mim...

Jeanne caminhou até onde o homem estava e, enlaçando-o com seus braços, falou:

— Você foi maravilhoso, querido...

Fitando-o nos olhos, acrescentou:

— E não estou dizendo isso apenas para agradá-lo, como talvez fizesse em outra ocasião. Você realmente me fez sentir coisas que eu jamais havia sentido antes!

Tomás Camargo balançou a cabeça em sinal de dúvida e, depois de alguns instantes, falou:

— Não quero saber se você está sendo sincera ou não, Jeanne. Sei que eu jamais fui tão feliz quanto esta noite. E acho que não serei mais capaz de me deitar com outra mulher sem me lembrar de você, sem lamentar o fato de não ser você a estar comigo...

Jeanne lembrou das palavras de Satã e sorriu consigo mesma enquanto dizia:

— Há uma maneira muito simples para que isso não aconteça, Tomás... Basta que fique comigo...

Tomás não respondeu.

Olhando o relógio, falou:

— Nem vou voltar para casa, hoje... Não teria o que dizer para explicar minha ausência durante toda a noite... Será melhor dizer que tive de viajar.

Ergueu os ombros e acrescentou:

— De qualquer maneira, será uma desculpa meramente formal. Há muito que eu e Beatriz não temos mais nada em comum. Principalmente a cama!

Era pouco mais de nove horas da manhã quando o telefone de Jeanne tocou.

— Jeanne... Você sabe me dizer o que aconteceu? — perguntou a voz de Hilda, uma senhora da alta sociedade e que já deixara muitas vezes bem claro que não conseguia suportar a presença de Jeanne — Será que tem mais detalhes?

A francesa não respondeu de imediato, tão surpresa estava por receber aquele telefonema. Afinal, quando as duas se encontraram cerca de duas semanas atrás, Hilda fora até mesmo grosseira, dando as costas para a francesa várias vezes durante uma reunião na mansão dos Almeida Prado...

— Não, Hilda — disse Jeanne, em tom frio e seco — Não sei o que aconteceu e nem sequer desconfio do que você está falando.

— Ora! — exclamou Hilda — Estou falando de Regina! E estou ligando para você por que, como de nós era a que estava mais perto dela, a que estava encontrando com ela e com Roberto com mais frequência, talvez soubesse de mais detalhes a respeito dessa tragédia...

Imediatamente, Jeanne lembrou do que lhe dissera Satã e do que fizera com o boneco de papel.

— Mas eu não estou sabendo de nada! — protestou — Ninguém me disse coisa nenhuma!

Fazendo voz ansiosa, tentando mostrar que se preocupava, que estava angustiada, indagou:

— O que aconteceu com Regina? Diga-me, por favor!

Houve uma pequena pausa do outro lado da linha e, então, Hilda respondeu:

— O casal morreu... Regina e Roberto estão mortos!

— Mortos?! — fez Jeanne, sentindo um arrepio e com sincera surpresa pois não imaginava que o castigo imposto por Satã pudesse ser tão violento — Mas como foi isso?!

— Foram atropelados esta manhã — explicou Hilda — Eles saíram de casa bem cedo, foram juntos à farmácia pois Roberto estava, desde ontem à noite, um pouco doente. Não viram o caminhão de entregas... Foram alcançados já quando estavam a menos de dois metros da calçada. Morreram na hora. Esmagamento de crânio, falou o médico...

Hilda ainda disse mais algumas coisas, mais algumas das banalidades que costumam conversar as cocotas da sociedade. Banalidades que não têm hora e nem lugar para serem discutidas e que surgem na conversa mesmo depois de uma notícia como aquela. Jeanne nem mesmo prestou atenção às palavras da amiga. Estava impressionada



com o que acabara de acontecer e começava sinceramente a ter medo do que poderia fazer com a ajuda de Satã. Porém, sua mente ambiciosa e objetivam, enquanto Hilda matraqueava do outro lado a respeito de um novo cabeleireiro que tinha surgido na cidade e a respeito de um escândalo qualquer que movimentava os altos círculos, já estava pensando na melhor maneira de tirar proveito de tudo aquilo.

E, quando finalmente Hilda desligou o aparelho, ela já tinha uma boa idéia do que fazer para se afirmar na sociedade, e não apenas como uma mulher bonita, casada ou amasiada com um homem rico...

Não...

Ela seria famosa...

Seria respeitada também por ela mesma, seria procurada por muitos e, evidentemente, receberia muito dinheiro... Faria uma fortuna respeitável e sólida!

Mal se afastara do telefone, este tocou novamente.

Era Tomás que ligava do Banco, dizendo que ainda não se convencera de que a noite tinha sido real, de que não tinha sido apenas um sonho.

— Vou precisar ter certeza — disse ele — Vou querer tudo outra vez...

— Sua mulher vai desconfiar... — replicou Jeanne com um tom de malícia na voz.

— Não estou me incomodando mais, querida — falou Tomás — Inclusive, já falei com um amigo advogado. Ele vai começar a tomar as providências necessárias para a minha separação. Nem vou voltar para casa, hoje...

Jeanne não teve o que dizer e Tomás, com uma risada, arrematou:

— Por isso, hoje estarei sem teto para me abrigar. Creio que é no mínimo uma obrigação de amiga você me dar pousada em sua casa...

Jeanne riu, disse-lhe que estaria esperando por ele com ansiedade e, desligando o telefone, lembrou-se que, à meia-noite, teria que ir a algum lugar...

— Mas onde? — perguntou-se — O Príncipe das Trevas não me disse onde deveria ir...

Afastou-se em direção à cozinha e, ao passar pela mesa da sala de jantar, viu sobre ela, um pedaço de papel.

Era um papel estranho, amarelado, grosso, parecendo um pedaço de uma página de livro velho.



Apanhou-o e sentiu que ele estava quente, como se saído do forno naquele instante.

Não era preciso mais do que isso para que Jeanne adivinhasse que era o endereço que Satã mencionara.

As palavras estavam escritas com uma caligrafia rebuscada, com uma tinta acastanhada que Jeanne, imediatamente, percebeu tratar-se de sangue.

Com horror, ela segurou o pedaço de papel pelas beiradas de maneira a não tocar nas letras que ali havia, e leu:

— Avenida Angélica, 1876...

Balançando afirmativamente a cabeça, murmurou:

— Então é esse o lugar... Não é muito longe daqui. O único problema é que Tomás estará em casa e, com certeza, não vai achar graça nenhuma em me ver sair a essa hora...

Dando de ombros, finalizou:

— Ora... Não tem importância nenhuma. Afinal, é ele que está querendo... E Satã disse que eu ficaria com Tomás. Não é necessário, então, que eu me preocupe!

Tomás chegou muito mais cedo do que Jeanne poderia imaginar.

Ainda não soara as seis horas da tarde e ele já estava à porta do apartamento, com um ramallete de flores e uma caixa de bombons, sorrindo para a mulher e dizendo:

— Nós vamos jantar fora, querida. Iremos a um restaurante bem bonito, comeremos alguma coisa bem gostosa e, depois...

Riu, beijou os lábios de Jeanne e completou:

— Depois, a sobremesa, eu terei aqui em casa.

Jeanne sorriu, recebeu as flores e os bombons, retribuiu com um beijo sobre os lábios de Tomás e falou:

— Você está me acostumando mal... E além disso, essa história de vir aqui duas noites seguidas... Eu posso não deixá-lo ir embora, sabia?

— Pois é isso mesmo que eu estou querendo, Jeanne — retrucou Tomás, muito sério — E preciso saber se você me aceita... Como seu companheiro de vida!

Jeanne nem podia acreditar que fosse verdade.

Era certo que ela tinha sido avisada e estava sabendo que isso fatalmente aconteceria uma vez que Satã assim o dissera. Mas, a rapidez com que os fatos estavam se desenrolando, estava deixando a mulher até mesmo temerosa.

Como, ainda recolhida aos seus pensamentos e muda pelo espanto, Jeanne não dissesse nada, Tomás insistiu:

— Por favor, Jeanne... Diga que me aceita! Não me rejeite!

E, segurando as mãos da francesa, acrescentou:

— Sei que você não me ama... Isso é mais do que natural, afinal de contas nós nos conhecemos numa situação até um certo ponto constrangedora. Admito que lhe seja difícil dizer que me ama e acho mesmo que você tem todo o direito de imaginar que eu esteja mentindo...

Abraçou-a, respirou aliviado ao sentir que ela retribuía o carinho e continuou:

— Mas eu a amo, Jeanne! Tenho certeza de que a amo e sei que faria qualquer coisa por você! Deixe-me tentar! Serei capaz de fazê-la feliz e acredito sinceramente que você vai, com o tempo, aprender a me amar e não vai se arrepender por me dar esta chance!

Para Jeanne, o que Tomás Camargo estava dizendo era a confirmação dos poderes de Satã e o degrau que lhe faltava galgar para que fosse finalmente aceita no seio da sociedade de São

Paulo. O casamento, mesmo que apenas de fato e não de direito, com um homem da posição de Tomás, seria a consagração e era mais do que evidente que ela não perderia essa oportunidade. Ainda mais que seu Mestre dissera que assim seria! Porém, por experiência, Jeanne sabia que é sempre conveniente se fazer de difícil e, afastando-se de Tomás, murmurou:

— Não sei, querido... Sinceramente... Não sei!

Tomás fez uma expressão de desespero e, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Jeanne continuou:

— Uma vida a dois é um pouco diferente de encontros fortuitos, não concorda? Nós teremos de partilhar tudo, cada momento de nossa existência e isso não poderá ser apenas por algum tempo. Não quero me prender a um homem que, dentro de alguns meses ou talvez mesmo dentro de um ou dois anos, resolva ir embora com outra, deixando-me a ver navios.

Com um sorriso frio, ela acrescentou:

— Você sabe muito bem como eu sou, o que espero da vida e de que maneira sou capaz de lutar para atingir meus objetivos...Sabe



também que eu tenho que aproveitar agora, enquanto sou moça e bonita. Daqui a dez anos, muito provavelmente já não mais

despertarei nos homens os mesmos arroubos de desejo e, então, terei de estar estabilizada economicamente para não ter de depender da caridade de ninguém.

— Mas o que você está dizendo é um absurdo! — protestou Tomás — Da maneira como fala, até parece que eu vou abandoná-la dentro de uma semana, o que não é absolutamente verdade!

— Não digo dentro de uma semana, Tomás — replicou Jeanne com firmeza — Mas não há nada que me garanta que você não me vai dar um pontapé quando eu estiver mais velha e quando o seu interesse por mim tiver diminuído.

Tomás refletiu. Começava a compreender o que ela estava querendo dizer e isso até poderia ser considerado como natural. As mulheres são, por excelência, inseguras e, quando o relacionamento com um homem é um tanto quanto instável ou mesmo friável, como no caso de um simples amasiamento, elas se tornam ainda mais receosas e desconfiadas.

Confirmando as suposições de Tomás, Jeanne disse:

— Você é um homem casado. A lei brasileira não admite que você se case novamente a menos que sua esposa venha a falecer. E eu não estou querendo me unir a ninguém nessas condições.

— Podemos nos casar, Jeanne — tornou Tomás, angustiado — Não é obrigatório que casemos no Brasil! Poderemos nos casar em qualquer outro país do mundo onde o desquite brasileiro seja reconhecido!

Impaciente, ele acrescentou:

— E não sei que segurança esse casamento possa lhe trazer, Jeanne... Sou casado com a Beatriz no civil e no religioso e nem por isso, vou continuar com ela!

Pelo tom de voz de Tomás, Jeanne percebeu que era chegada a hora de mostrar que cedia um pouco e que estava disposta a lhe dar alguma esperança. Assim, abrindo um sorriso e beijando-o, ela sussurrou:

— Já sofri tanto, querido... Tenho medo de sofrer outra vez! Por isso estou tão desconfiada...

Era o que Tomás estava querendo ouvir.

Apertando-a contra si, ele disse:

— Juro que você não vai se arrepender, Jeanne... Muito pelo contrário, vai ganhar muito me aceitando!

Obrigou-a a sentar ao seu lado no sofá e prosseguiu:



— Para começar, você será só minha... E eu farei de tudo para tornar a sua vida um verdadeiro mar de rosas!

— Sem espinhos? — perguntou Jeanne, beijando-o.

— Sem espinhos! — exclamou Tomás — Juro que não haverá um só espinho!

— Nesse caso — falou Jeanne, muito séria — Você vai ter de começar assumindo a sua nova situação. Vai sair de sua casa em definitivo, agora mesmo!

Tomás olhou para ela espantado e Jeanne arrematou:

— Você irá buscar suas coisas e virá para cá de maneira definitiva, está bem? Se está dizendo que não medirá esforços e nem sacrifício s para me contentar e para poder me ter, comece por aí... Quero as coisas bem feitas desde o início. Não quero que você passe uma noite aqui comigo e depois volte para sua casa ficar alguns dias até que a situação com Beatriz se resolva! Se decidiu que vai abandoná-la, então, abandone-a de uma vez!

Tomás suspirou.

— Pensei que fosse pedir alguma coisa mais difícil... Mas, se é só isso... E se você não se incomoda de esperar até perto de uma e meia ou duas horas da manhã...

Era o que Jeanne precisava. Se Tomás levasse tanto tempo assim para ir até sua casa e voltar, ela teria mais do que tempo para ir ao endereço que o Príncipe das Trevas lhe dera...

— Não se preocupe comigo, querido... Eu estarei esperando por você e aproveitarei para fazer uma visita. Faço questão de dizer para essa amiga que finalmente encontrei a minha segunda metade...

Tomás seguiu para sua casa depois de deixar Jeanne na Avenida Angélica, um pouco antes do número 1876 onde ela teria de ir.

O endereço que lhe fora deixado por Satã, era um casarão meio abandonado de cerca de vinte anos atrás e que, pelo mau uso e pela falta de conservação, estava em petição de miséria, com um assustador aspecto de mal-assombrado.

Por sorte, havia um poste de iluminação bem em frente à casa mas, mesmo assim, Jeanne não conseguiu evitar um calafrio ao passar o portão enferrujado e, enquanto caminhava por uma pequena alameda de azaléas que se misturavam com o mato do jardim, ela pensou:



— Eu nunca entraria num lugar assim por minha própria vontade... Ainda mais à meia-noite!

Caminhou cerca de vinte passos e estacou diante de uma grande porta envidraçada.

Jeanne pode ver que havia luz no interior do casarão, uma luz muito avermelhada para ser proveniente de uma lâmpada elétrica mas, ao mesmo tempo, fixa e brilhante demais para ser de uma vela ou lamparina.

Levou a mão à maçaneta, uma maçaneta de metal amarelo que combinava bem com os desenhos das ferragens da porta e com os do vidro martelado, espesso e bisoté, com que ela era guarnecida.

Ela podia ver que aquela casa tinha sido muito bem construída, o capricho do primeiro proprietário estava presente nos menores detalhes como por exemplo, nos entalhes feitos nas duas colunatas em estilo gótico que ornamentavam os lados do portal.

Jeanne já ia abrindo a porta quando esta, sem que ninguém a tocasse, escancarou-se.

A francesa deu um passo para trás, cheia de medo. Controlando-se, a mulher avançou, passou pela porta e se viu no interior de uma sala ampla, sem nenhum móvel, sem nenhuma lâmpada acesa — Jeanne podia ver os bocais vazios — e que, no entanto, estava clara, perfeitamente iluminada por uma luz avermelhada que parecia pairar no ambiente sem ter uma fonte determinada.

Andou mais um pouco, atravessou outra porta, esta de madeira entalhada e surpreendeu-se ao ver que os entalhes formavam uma cena de feitiçaria de alguma tribo indígena ou africana. Havia um grande caldeirão e homens vestidos com tangas e usando máscaras, dançavam ao redor de uma fogueira gigantesca. Do outro lado dessa porta entalhada, havia uma outra sala, um pouco menor do que a primeira e em cujo centro Jeanne viu uma mesa redonda coberta com uma toalha de duas cores: o centro em negro e as beiradas em vermelho vivo. Sobre a mesa, um gato absolutamente preto movimentava o rabo incessantemente enquanto olhava para Jeanne com olhos que não escondiam a maldade e a desconfiança.

Jeanne, mais uma vez, sentiu um calafrio e teve vontade de dar as costas ao gato e sair correndo daquele lugar tétrico.

Mas...

Ela sabia que precisava resistir.

Satã avisara-a de que não seria fácil e, talvez, exatamente aquele tipo de cenário fosse o teste que teria de vencer.

O gato se espreguiçou, abriu a boca num bocejo indolente e, de um salto, foi para o chão, desaparecendo sem que Jeanne escutasse o menor som.

Ela ficou ali, imóvel feito uma estátua, sozinha, esperando que o Mestre lhe desse um sinal qualquer, uma vez que ele dissera que ela saberia o que fazer.

Notou que, aos poucos, a luminosidade avermelhada que reinava em toda a sala, ia ficando mais fraca e, ao mesmo tempo, ia se concentrando no lugar onde estava a mesa.

No momento em que todo o ambiente ficou às escuras com exceção da mesa, Jeanne escutou um barulho que parecia o arrastar de correntes.

O som se repetiu, incessantemente, por quase cinco minutos e, então, transformou-se no ruflar de tambores e no ruído cadenciado da marcha de soldados.

Sim...

Era uma marcha de soldados... Durante a guerra, já que Jeanne podia distinguir claramente o ribombar dos canhões à distância.

Franziu as sobranceiras, sem entender. O que Satã estava querendo dizer com aquela demonstração?

Ainda muito assustada, ela disse, em voz alta:

— Príncipe das Trevas! O que quer de mim? Falou-me para vir aqui prestar-lhe uma homenagem e aqui estou! O que significam esses sons? A guerra está muito longe daqui!

Nesse momento, o som da marcha militar cessou e a voz de Satã se fez ouvir:

— A homenagem você já prestou vindo até aqui, Jeanne... Era importante que aparecesse pois eu precisava de você como modelo... Para que nosso pacto ficasse gravado em definitivo e num lugar onde jamais você pudesse esquecê-lo!

Jeanne não entendeu o que as palavras de Satã estavam querendo dizer e ia abrindo a boca para perguntar-lhe alguma coisa sobre isso, quando o Demônio a interrompeu para falar:

— Você ouviu a marcha dos soldados. Esta é a primeira grande oportunidade que eu lhe dou. Você vai poder falar ao seu companheiro que o Brasil entrará na guerra. Vai enviar tropas para lá e, no navio americano General Mann, que deverá deixar o Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 1944, viajará o soldado Augusto Santos, filho de Heitor Santos, sócio de Tomás. Esse rapaz vai morrer no navio, antes de chegar à Itália e Heitor receberá a notícia um mês depois. Ele ficará desesperado e terá um ataque cardíaco.



Jeanne balançou a cabeça afirmativamente e disse:

— Devemos fazer alguma coisa para evitar que Augusto embarque, nesse caso...

A voz de Satã soou irritada:

— Não! Muito pelo contrário! Você não deve comentar isso com ninguém! Deve, isso sim, falar com Tomás e induzi-lo a fazer um negócio com Heitor de maneira a poder ficar sozinho com a empresa. E este negócio aparecerá nas mãos de Tomás por estes dias. Ele vacilará, dirá que não deve fazê-lo por uma questão de amizade mas, será justamente aí que você deverá interferir. Deverá obrigá-lo a realizar a transação e, depois, quando tudo der certo, verá que Tomás vai se mostrar muito grato...

Jeanne balbuciou algumas palavras concordando e, com voz trêmula, indagou:

— E o que vai querer em troca dessa oportunidade?

Satã riu.

— Você saberá mais tarde, Jeanne. Por enquanto, não se preocupe com isso. Quero, apenas que diga para Tomás o que eu falei e quero que o mande instalar a porta de madeira desta casa em algum lugar de seu apartamento.

No instante seguinte, Jeanne estava outra vez sozinha, só que na outra sala, olhando para a grande porta de madeira em que havia o entalhe da cena de feitiçaria.

Alguma coisa chamou sua atenção e ela observou com mais cuidado o desenho. Não notara antes mas, no fundo do quadro entalhado na madeira, havia uma figura de mulher. Era uma figura lindíssima e o seu rosto aparecia muito nitidamente.

E era exatamente isso.

Era o seu rosto! O rosto de Jeanne, maravilhosamente bem entalhado!

Saindo para a rua, já entrando no automóvel de Tomás que, solícito, segurava a porta para que ela entrasse, ela precisou fechar os olhos por alguns instantes, procurando se acalmar.

Tudo aquilo era tão fantástico que Jeanne ainda não conseguira se acostumar direito. Para ela, às vezes, tudo parecia um sonho e tinha a impressão de que acordaria de um instante para o outro, ainda no bangalô de Gabrielle em Auvergne ou, o que seria ainda pior, no quarto sórdido que ocupara na casa de seus pais, na Rue de la Huchette...

— E então? — perguntou Tomás — Como foi a visita?

Jeanne respirou fundo antes de responder:

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

